

RESENHAS

OLIVA NETO, João Angelo *O livro de Catulo*. Edição bilíngüe. São Paulo: EDUSP, 1996.

João Angelo Oliva Neto, professor de Língua e Literatura Latina da USP, oferece-nos tradução poética do Livro de Catulo, de modo a propor, não cópia servil, mas reconstrução engenhosa do original latino com os recursos de nossa língua, tarefa que demanda erudição e talento. Antes, porém, dá-nos uma "Introdução" em que, primeiro, faz um estudo aprofundado do contexto literário em que se insere Catulo, de modo a analisar como a poesia deste se vincula na de Calímaco e que tem de particular; depois, expõe os princípios que nortearam a tradução.

Assim, mostra-nos como a poesia de Catulo se identifica, mais diretamente, com a poesia grega alexandrina, e não com a arcaica, encerrada com o advento da *pólis*, ou com a clássica, encerrada com o fim da *pólis*. A discussão enseja mostrar como também outros poetas latinos se vinculam naquela poesia. Por exemplo, Vergílio e Horácio, que a crítica moderna tem, em regra, na conta de "poetas clássicos", relaciona-os João Angelo, com agudeza e precisão, à poesia alexandrina, de modo a assinalar o equívoco dos que preterem Catulo àqueles por taxar este de poeta alexandrino: Catulo teria sido, antes, o precursor da exata poe-

sia que praticaram Vergílio e Horácio.

Sem ater-se, porém, às relações puramente literárias dos poetas latinos com os alexandrinos, analisa, ainda, o contexto cultural mais amplo em que se inserem as mesmas relações. Por exemplo, expõe como o sistema filosófico do platonismo, adequado ao universo da *pólis*, foi substituído pelo do estoicismo, mais adequado aos grandes impérios, seja ao império dos Ptolomeus, em Alexandria, seja ao iminente império romano. Demais, assinala a importância da escrita para os poetas alexandrinos e latinos: inexistente na literatura grega arcaica, em que a poesia se transmite oralmente, incipiente na clássica, em que Platão, dialeticamente, pois que escritor, privilegia a poesia oral, aquele meio de transmissão afirma-se, então, de modo cabal. A escrita impõe-se mesmo como recurso de composição, por oferecer o elemento visual, de que se valeram poetas alexandrinos como Teócrito, autor de poemas que se poderiam comparar aos da moderna poesia concreta. Enfim, aventa comparações, ou contraposições entre as opções arquitetônicas da época, marcadas por grandes monumentos, e as poéticas, marcadas por pequenas composições, como epílios e idílios.

Da poética de Catulo, João Angelo repara que este, seguindo as pegadas de Calímaco, dividiu seu livro de poemas em duas partes: na primeira (1-64), encerrou epigramas, poemas bastante curtos, entre os quais sobressaem os iambos e falécios; na segunda (65-116), os *carmina docta*, ou poemas doutos, mais longos e redigidos, todos,

em dísticos elegíacos. Demonstra que o tom prosaico dos poemas da primeira parte é, na verdade, produto de técnica poética tão requintada quanto a que se emprega nos da segunda: se nestes a arte é, por assim dizer, evidente, naqueles é como uma “arte de ocultar a arte”. O estudo enseja, então, assinalar o equívoco de críticos e leitores modernos que, enformados na mentalidade do Romantismo, tomaram os poemas da primeira parte por “sinceros”, os da segunda por “ficcionalis”, quando, todavia, todos são igualmente ficção. Demais, explica-nos como a poesia catuliana se apropria das relações amorosas de Catulo com Clódia e das políticas com César, reformulando-as em contexto puramente ficcional, em que só interagem as *personae liricae* do Poeta e outros.

Dos princípios que nortearam a tradução, João Angelo esclarece-nos sobre a escolha dos esquemas métricos da poesia de língua portuguesa de que se valeu para traduzir os da latina. É não só os metros, mas o léxico e estilo empregados na tradução pretendem fidelidade aos dos poemas originais latinos. Por exemplo, emprega-se vocabulário mais coloquial nos poemas da primeira parte, mais erudito, porém, nos da segunda; daí vem o uso, naquela, de calões e, nesta, de arcaísmos. Enfim, João Angelo oferece-nos, ain-

da, uma “Antologia” de traduções em português dos poemas de Catulo, pelo que evidencia como se insere na tradição dos tradutores brasileiros e portugueses de Catulo.

A tradução é acompanhada de notas cujo escopo, em geral, é dar o contexto histórico em que se insere cada poema e elucidar fatos e personagens mitológicos. Demais, as “Notas” remetem inúmeros passos dos poemas às respectivas fontes literárias, de modo a demonstrar como Catulo adapta e preserva o material de tradição que vai de Calímaco a Homero, passando por Safo e Píndaro. Enfim, explicam como alguns recursos composicionais presentes no original latino foram adaptados ao português.

Assim, a “Introdução” instiga o leitor especialista a repensar o papel de Catulo na literatura latina, enquanto as “Notas” facilitam ao não-especialista o acesso a passos mais intrincados da obra do poeta; a “Tradução”, por sua vez, é exemplo bem-sucedido e raro de texto capaz de instruir e deleitar ambos.

MARCOS MARTINHO DOS SANTOS*
Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo

* Professor da FFLCH-USP e aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da USP.